



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante  
cerimônia de lançamento do Plano Amazônia Sustentável - PAS**

**Palácio do Planalto, 08 de maio de 2008**

Companheira Dilma Rousseff, ministra-chefe da Casa Civil,  
Companheira Marina Silva, ministra do Meio Ambiente,  
Companheiro Geddel, ministro da Integração Nacional,  
Companheiros ministros Reinhold Stephanes, da Agricultura Pecuária e  
Abastecimento,

Patrus Ananias, do Desenvolvimento Social e Combate à Fome,  
Companheiro Guilherme Cassel, do Desenvolvimento Agrário,  
Companheiro José Múcio, das Relações Institucionais,  
Companheiro Mangabeira Unger, do Ministério Extraordinário de  
Assuntos Estratégicos, que agora assume o Conselho Gestor da execução do  
Plano apresentado agora. A partir de agora, o Mangabeira será o coordenador  
do Conselho Gestor do PAS,

Quero cumprimentar a nossa querida companheira Ana Júlia Carepa,  
governadora do estado do Pará,

Quero cumprimentar o companheiro Blairo Maggi, governador do Mato  
Grosso,

Governador Eduardo Braga, do estado do Amazonas,

Companheiro Binho Marques, do estado do Acre,

Companheiro Ivo Cassol, de Rondônia,

Companheiro Marcelo Miranda, do Tocantins,

Companheiro Waldez Góes, do Amapá,

Companheiro Luís Carlos Porto, vice-governador do estado do  
Maranhão. Não está presente o companheiro governador do estado de  
Roraima, por problemas que vocês estão acompanhando pela imprensa. Deve



ser por isso.

Companheiros senadores Geovani Borges, João Pedro e Sibá Machado,  
Companheiros deputados federais, tem muitos aqui, por isso que não  
estão na nominata,

Meus caros prefeitos de capital, Duciomar Gomes da Costa, de Belém;  
Serafim Fernandes Corrêa, de Manaus; Roberto Eduardo Sobrinho, de Porto  
Velho; João Henrique Rodrigues Pimentel, de Macapá;

Companheiro Jecinaldo Saterê, da Coordenação das Organizações  
Indígenas da Amazônia Brasileira, na qualidade de representante dos povos  
indígenas,

Companheiro Adilson Vieira, do grupo de trabalho amazônico, na  
qualidade de representante das ONGs,

Meus amigos e minhas amigas

Pelo adiantado da hora, eu quero apenas dizer duas coisas aqui, sem ler  
o meu discurso. Eu acredito que todos vocês têm consciência de que nós não  
estamos sendo o primeiro e nem o último governo que tenta fazer alguma coisa  
pela Amazônia. Durante muito tempo outros governantes tentaram fazer, cada  
um com a sua visão, cada um dentro de uma ótica e cada um convivendo com  
os atores sociais que o governo entendia que eram os atores sociais com quem  
ele deveria conversar.

Eu me lembro que eu era recém-chegado ao Sindicato dos Metalúrgicos  
do ABC, em 1973, quando se lançou a construção da Transamazônica. Aquilo  
foi vendido, em nível nacional, como o maior processo de integração da  
Amazônia com o restante do País, e todo mundo imaginava que a partir dali iria  
haver uma explosão nesse processo de integração. E grande parte daquilo que  
foi o pensamento da Transamazônica está tal como foi pensado, porque não foi  
executado.

Da mesma forma, quando se discutia o projeto Calha Norte, também se  
pensava na questão da soberania nacional, do Estado brasileiro ter o controle.



E quantos de nós aqui não fizemos discurso contra o Calha Norte? Quantos de nós? Depois, outras e várias tentativas. Eu me lembro de grandes estudiosos da Amazônia que produziram documentos primorosos para vários governantes, em função da lógica daquele governante.

O grande problema do Brasil sempre foi um pouco esse. É que muitas vezes se pensava as coisas, e quando se saía do pensamento, da elaboração acadêmica e ia executar, se começava a encontrar as dificuldades reais que a execução de um programa desse encontra pelo seu caminho.

Vocês ouviram a Marina dizer que foram quatro anos, oito meses e nove dias para a gente chegar ao nível que nós chegamos hoje e, certamente, tem muita coisa a ser feita. Eu já ouvi dizer, muitas vezes, que a Amazônia precisaria ser transformada em um santuário da humanidade. Já ouvi outros dizerem que era preciso distribuir motosserras, porque era a única razão para o desenvolvimento da Amazônia. Aliás, eu me lembro do debate da Constituinte, eu era deputado constituinte e tinha um debate maluco do jacaré contra o homem, e da motosserra contra aqueles que queriam conservar a Amazônia. Todas as vezes que você leva um debate para o lado da hipocrisia ou torna o debate pequeno diante da dimensão que ele precisa ter, as coisas terminam não acontecendo como deveriam acontecer, erros são cometidos, e os desastres causam prejuízos a todos nós.

Mais recentemente, ouvi o ministro Reinhold Stephanes dizer claramente que não é preciso derrubar uma única árvore da Amazônia para a nossa agricultura crescer. Já ouvi a Marina dizer que o problema, hoje, do Brasil não é proibir de fazer, mas construir o como fazer. Vocês percebem que mudou o discurso. Significa que houve uma evolução na espécie humana, quando se trata de discutir a questão da Amazônia. Todos nós compreendemos que a Amazônia precisa se desenvolver, mas todos nós também compreendemos que ela tem que ter um desenvolvimento, eu diria, bem elaborado, e não predatório, como nós tivemos em outras regiões do País. E um



desenvolvimento diferenciado, aproveitando o que a região Amazônica tem de bom para oferecer à humanidade e a cada um dos cidadãos ou cidadãs que moram em um dos estados que compõem a Amazônia.

Essa sabedoria, de aprender que ninguém é dono da verdade absoluta, de que nós precisamos repartir os nossos conhecimentos e os não-conhecimentos, permite que a gente encontre sempre um denominador comum, que contemple o bom senso da humanidade em tratar uma questão tão importante como a Amazônia. Quem viaja pelo mundo hoje, ouve muito mais gente de fora dar palpite e falar da Amazônia do que nós mesmos aqui no Brasil. E toda vez que a gente vai falar da Amazônia no exterior, normalmente está jogando na defesa, respondendo a perguntas que nos fazem sobre desmatamento, queimadas, poluição, e tantas outras coisas que nos questionam. Muitas vezes, nós temos dificuldades porque agora, e somente agora, começa a haver a compreensão, também dos empresários brasileiros, de que cuidar do meio ambiente, cuidar da floresta, trabalhar o manejo da floresta como forma de explorar apenas aquilo que pode ser explorado e repor adequadamente aquilo que a natureza nos deu, nos torna um país com vantagens comparativas no debate econômico, no debate ambiental e no debate político.

O que vocês conseguiram produzir, companheira Marina, com a apresentação deste PAS, foi, possivelmente, uma coisa maior do que um programa, maior do que uma proposta. Muitas vezes, quem acompanha a política brasileira apenas pelos meios de comunicação, certamente não iria fazer a visualização dos governadores da Amazônia sentados ali, e assinando um protocolo de intenções, uma carta-compromisso de coisas que eles sabem que quanto mais certo fizerem, mais o seu estado terá a ganhar.

O Blairo Maggi, que é um dos empresários mais bem-sucedidos deste País no agronegócio e governador do estado do Mato Grosso, tem consciência e clareza de que se a gente não fizer as coisas adequadamente, daqui a pouco



algum país levantará a proibição de importar a soja brasileira, porque alguém disse que ela está sendo plantada no lugar na selva amazônica. Os nossos que criam gado, os nossos que plantam milho, todos esses sabem hoje que produzir cuidando do meio ambiente, é uma vantagem comparativa para os produtos que eles querem vender para o mundo europeu, para os Estados Unidos e para outras partes do mundo.

Essa é uma consciência extraordinária, e eu acho que é uma evolução que nós estamos tendo. Já não precisa mais do confronto. O confronto, muitas vezes, se dá pela ignorância, pela falta de informação. Muitas vezes nós somos contra ou a favor, até sem saber muito o que a gente está sendo contra ou a favor. A gente, muitas vezes, é contra por ouvir dizer – “alguém me disse” –, sem aprofundar a discussão com aqueles que realmente conhecem, estudam e vivem o problema. Quem, um dia, ousou dizer que os nossos índios faziam o País correr o risco de perder a sua soberania, porque eles estão em lugares, muitos deles, fronteira com o Brasil? É só ir a São Gabriel da Cachoeira, que a gente vai perceber que grande parte dos militares do Exército brasileiro que estão lá, vestidos com a roupa verde e amarela das nossas Forças Armadas, são índios. Quando não tinha Exército, quantas vezes foram os índios que defenderam as nossas fronteiras?

Por que há esse antagonismo desnecessário? Por que tentar despolitizar a sociedade em debates que não dizem absolutamente nada, em comparação com a realidade que nós vivemos a cada dia? Obviamente que um índio, no meio da Amazônia, sendo brasileiro, cidadão brasileiro, eleitor brasileiro, e não recebendo as funções que o Estado tem que ter para com ele e para com o seu povo, vai ser tão rebelde contra o Estado quanto um companheiro que mora numa favela do Rio de Janeiro, a cem metros de Copacabana, e não tem água, não tem escola, não tem nada para fazer.

Todos os 180 milhões de brasileiros serão muito mais brasileiros e brasileiras se perceberem que o Estado está cumprindo com a sua função para



com eles, independentemente de ser homem ou mulher, índio, negro ou branco. Não existe hoje nada mais importante do que a gente assumir o programa apresentado pelos ministros que nele trabalharam. O ministro Jobim me dizia ontem – acho que o Mangabeira me disse noutro dia – que o que está faltando para o Brasil é a gente colocar a Amazônia no nosso discurso é a gente assumir a Amazônia dentro do nosso discurso, porque muitas vezes nós somos muito paulistas, muito mineiros, muito cariocas, muito não sei das quantas, e nós achamos que a Amazônia é um problema de quem mora na Amazônia. Não.

Nós estamos trazendo, Marina, com o lançamento desse Programa, a Amazônia para dentro da nossa inteligência, da nossa consciência. A gente agora pode andar o mundo e quando a gente for debater a Amazônia, nós não precisamos esperar a pergunta, nós é que iremos dizer para eles o que nós estamos fazendo na Amazônia. Não precisa mais ficar dizendo bravata: “a Amazônia é nossa”, até porque muitas vezes, quem fala isso nem fala com muita convicção. Eu sempre acho que quem quer as coisas de verdade, não precisa ficar fazendo bravata.

Se ela foi nossa desde que aqui Cabral pôs os pés, por que nós agora temos que ter preocupação com a Amazônia? Tem livros do século XVI que mostram que... uma vez um americano veio de barco e achou que o rio Amazonas era extensão do Mississipi, como tem gente que acha que a Amazônia tem que ser da humanidade, e nós achamos que é. Nós achamos que ela precisa produzir benefícios para todos os seres humanos, mas nós temos que dizer, em alto e bom som, que quem cuida da Amazônia é o Brasil, quem decide o que fazer na Amazônia é o Brasil.

Eu penso que nós ainda não temos condições de explorar 10% da riqueza, da fauna, da floresta e, sobretudo, da biodiversidade da Amazônia. Eu diria que nós somos quase analfabetos no conhecimento que nós temos sobre a Amazônia. E com esse programa, nós vamos adentrar as entranhas da



Amazônia.

Eu me lembro que quando nós começamos o programa Luz para Todos – nós começamos com base no estudo do IBGE – nós tínhamos que fazer 12 milhões ou atender 10 milhões de famílias. Depois que nós entramos nas entranhas do País, de candeeiro e completamos a tarefa que nós tínhamos assumido, nós descobrimos mais 1 milhão e 700 mil famílias brasileiras que não estavam cadastradas pelo IBGE e não eram do nosso conhecimento, e tivemos que levar o nosso Programa até 2010.

Esse Programa, Marina, vai permitir que a gente entre com um pouco mais de alma para conhecer a nossa Amazônia, para a gente dizer para aqueles pobres que moram nos igarapés e em palafitas na Amazônia, que eles têm uma possibilidade, a partir do desenvolvimento correto e sustentável da Amazônia. Esse Programa, Marina, vai precisar ser aperfeiçoado ainda, certamente vai ter muito debate. E o que é importante no nosso governo é que a gente não tem medo de debate.

Aliás, quero lhe parabenizar, Dilma, pela sua participação ontem no Senado. Certamente, você foi motivo de orgulho para quem, junto com você, participa do governo, e para o povo brasileiro.

Mas eu também quero ressaltar, aqui, para fazer justiça, o comportamento democrático do Senado. As pessoas fizeram as perguntas que tinham que fazer, mas eu acho que as pessoas foram civilizadas ao perguntar e no debate. Muitas vezes, quem está assistindo não gosta. Mas o que é a democracia senão esse exercício constante, diário, de debates, de discussões? E eu quero dizer aqui, na sua frente, que eu fiquei bem impressionado com o grau democrático que o Senado teve, ontem, com você. Se todos forem tratados assim, que tenha mais debates, porque eu acho que será bom para a sociedade brasileira. E como eu disse, lá no Rio Grande do Sul ou eu não sei onde, que você era a mãe do PAC, eu sou obrigado a dizer aqui que, embora o companheiro Mangabeira vá ser o coordenador do Conselho Gestor, ninguém



tira de você, Marina, a idéia de ser a mãe do PAS. Ou seja, de mãe em mãe, vocês percebem que estou criando uma nova China aqui.

Eu só quero parabenizar. Parabenizar os ministros que trabalharam, os técnicos que trabalharam, os funcionários que contribuíram para que nós pudéssemos chegar ao que nós chegamos. Aos governadores dos estados, quero dizer para vocês que nós não queremos conflito entre o governo federal e os governos estaduais, e nós não temos o direito de fazer as coisas nos estados sem conversar com vocês, sem discutir com vocês, sem discutir com os prefeitos, porque aqui de Brasília não possível a gente fazer tudo, não é possível a gente controlar tudo. Ou a gente educa este País numa relação de entes federativos produtiva, democrática e respeitosa ou a gente vai deliberar muitas coisas e elas não vão acontecer.

À Marina, meus agradecimentos. Companheiro Mangabeira, a sua tarefa não é fácil, porque mensalmente você vai ter que conversar comigo sobre como está andando isso. De tempos em tempos, você vai ter que prestar contas à imprensa do que está acontecendo nisso aqui. De tempos em tempos, você vai ter que prestar contas aos ministros que participaram disso aqui, e de quando em quando você vai ter que prestar contas aos governadores. Eu quero que Deus lhe dê toda a sorte do mundo para que a gente possa terminar o mandato com o PAS em plena execução.

Um abraço, muito obrigado a todos.

(\$211A)